
Notícias falsas, desinformação e negacionismo: uma análise das declarações do presidente Jair Bolsonaro durante a Pandemia da Covid-19 no Brasil.¹

Willian Ythano Araújo COSTA²

Lucas MILHOMENS³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar e refletir sobre a propagação de notícias falsas e desinformação geradas pelo presidente da república Jair Messias Bolsonaro durante os primeiros dois anos da pandemia de Covid-19 no Brasil. Analisamos a produção e disseminação de notícias falsas (*fake news*), bem como a utilização de tais práticas durante o período compreendido entre os anos de 2020 e 2021 (o mais letal até o presente momento). Para tanto, utilizamos como referência a agência de checagem de notícias “Aos Fatos”. Desse modo, nossa intenção é fazer uma reflexão sobre as possíveis intencionalidades, interesses, efeitos e riscos oferecidos por tais declarações para a saúde da população brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Notícias falsas; Desinformação; Bolsonaro; Covid-19.

Introdução

No Brasil, após o primeiro caso detectado de Covid-19, no dia 26 de fevereiro de 2020⁴, ações preventivas relacionadas a doença começaram a ser feitas em alguns estados do país, seguindo as orientações estabelecidas pelo Ministério da Saúde e Organização Mundial da Saúde (OMS). Tais medidas provocaram mudanças drásticas no cotidiano dos brasileiros. Neste cenário de dúvidas e incertezas que se estabeleceu, com a ameaça de contaminação e morte, houve uma crescente produção de mentiras (*fake news*) sobre

¹ Trabalho apresentado no IJ07– Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7ª. semestre do Curso de Comunicação Social Jornalismo do ICSEZ-UFAM, e-mail: willianaraujo122@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam/Parintins) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (PPGCOM/UFRR). Atualmente faz Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (Póscom/UFBA).e-mail: lucasmilhomens@ufam.edu.br

⁴ Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de Covid-19 em São Paulo. Um homem de 61 anos, que havia viajado para a Itália, deu entrada no Hospital Albert Einstein onde o caso foi confirmado.

o tema, como também uma ampla e sistemática propagação de desinformação, baseada em uma ideologia de negação científica e uma política ideológica de extrema-direita, representando sérios riscos à saúde da população no combate à pandemia.

A velocidade com que informações falsas e distorcidas sobre a Covid-19 se espalharam pelo mundo todo, levou o diretor geral da OMS, Tedros Adhanom, a considerar o movimento como uma “infodemia”. Para Pierro (2020), a infodemia é entendida como a difusão em massa de notícias falsas, desinformação, mentiras e rumores sobre a pandemia, comprometendo o acesso a dados e informações com respaldo científico e de autoridades sanitárias.

Galhardi et al (2020) cita o exemplo de 2008 como consequência da disseminação de notícias falsas e desinformação na área da saúde. Naquele ano, foram propagadas inverdades acerca da vacinação contra a febre amarela, ambas afirmando que a doença seria apenas uma farsa criada para vender vacinas, além da mesma paralisar o fígado e apresentar ineficácia contra as mutações do vírus.

No contexto pandêmico, nota-se que o fenômeno das notícias falsas e da desinformação ganhou proporções maiores, tendo em vista que alguns líderes mundiais adotaram comportamentos negacionistas contra a ciência, negando a adoção do isolamento social, propagando o uso de medicamentos sem eficácia médica comprovada e outras orientações sem respaldo científico, discursos que atingiram grandes dimensões a partir de sua propagação em diversas redes midiáticas.

Tais práticas foram identificadas nas manifestações do presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro. Segundo a agência de checagem de notícias Aos Fatos, de fevereiro de 2020 até fevereiro de 2021, o presidente produziu 1.164 declarações falsas, imprecisas, insustentáveis, distorcidas e exageradas sobre a pandemia no Brasil e no mundo. O mandatário dividiu seus discursos entre o negacionismo científico, defesa de medicamentos sem eficácia comprovada e, recentemente, afirmações inverídicas sobre a vacina, dentre inúmeras outras falas de cunho desinformacional. O presidente, ao disseminar mentiras, colocou a vida e a saúde da população brasileira em risco, fato este que possui uma grande parcela de contribuição nas mais de 670 mil mortes registradas pela doença no Brasil até a data de realização deste artigo (Julho de 2022)⁵.

⁵ Conforme divulgado pelo consórcio de imprensa. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso em: 04/07/2022.

Desinformação e notícias falsas: produção de mentiras e suas características

O fenômeno da desinformação e das notícias falsas, comumente conhecidas como “*fake news*”, não é uma prerrogativa exclusiva do século XXI. Há registros de circulação de boatos e mentiras em diferentes períodos históricos, inclusive na antiguidade. Alguns dos momentos cruciais para a humanidade, como a Primeira Guerra Mundial, Guerra Fria, Guerra Hispano-Americana, Ditadura Empresarial-Militar Brasileira, Nazismo, Fascismo dentre outros, também foram marcados pela disseminação de informações falsas por parte do Estado e da imprensa, visando, sobretudo, a conquista e/ou a consolidação e manutenção do poder.

De acordo com Teixeira (2018), em pesquisa realizada no site *da Library of Congress* – acervo digitalizado que reúne jornais americanos desde o século XVIII -, a palavra *fake* foi utilizada pela primeira vez na imprensa norte-americana, no *Jornal Gazette of the United States*, no dia 10 de Junho de 1789. Entretanto, o site da *Library of Congress* indicava que a expressão “*false news*”, vista pela primeira vez no jornal norte-americano *New York Herald*, em 7 de Agosto de 1852, foi a primeira a ser utilizada para se referir as notícias fraudadas pelos meios de comunicação da época. Somente nos anos de 1890, após o embate entre os jornais *New York World* e *New York Journal*, produtores sistemáticos de notícias falsas, a expressão *false news* foi substituída por *fake news*.

Serrano (2010, p.31) também enfatiza que “os mecanismos de desinformação e manipulação são mais complexos que a mentira grosseira”. Ou seja, desinformação envolve informação manipulada, tendenciosa, distorcida, e não necessariamente falsa por completa, como é o caso das notícias falsas.

A frase “[...] basta repetir uma mentira a exaustão para que ela se torne uma verdade”, de Paul Joseph Goebbels, ministro da propaganda na Alemanha Nazista, demonstra que o fenômeno da produção de notícias falsas se fez presente em importantes momentos históricos e não é algo exclusivo da contemporaneidade. Para Goebbels, verdade e mentira poderiam se tornar meros substantivos em um determinado momento. No caso do Nazismo, o próprio Estado detinha o controle da mídia e propagava notícias falsas nos meios de comunicação de massa alemã.

No Brasil, o período da ditadura empresarial-militar, que ocorreu entre os anos de 1964 a 1985, também foi marcado por uma avalanche de mentiras. Cidadãos que se opuseram ao regime foram torturados e assassinados pelo Exército, mas suas mortes eram declaradas como suicídios ou desaparecimentos. O jornalista Vladimir Herzog, editor-

chefe da TV Cultura e militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), por exemplo, foi torturado e assassinado nas instalações do Destacamento de Operações de Informação – Centros de Operação de Defesa Interna (DOI Codi), em São Paulo, no ano de 1985. A informação que se veiculou sobre a causa de sua morte, no entanto, afirmava que ele havia se enforcado com o cinto de sua cela (TEIXEIRA, 2018).

A campanha eleitoral de Donald Trump à presidência dos EUA, em 2016, é considerada um marco no uso de *notícias falsas* e desinformação, sobretudo nos meios digitais. Trump, então candidato a presidência do país, disseminou uma quantidade expressiva de *mentiras* durante sua campanha. O principal alvo de tais inverdades era Hillary Clinton, sua adversária. O mesmo ocorreu durante o *Brexit*, em 2016, quando se discutia a saída do Reino Unido da União Europeia. Um expressivo número de notícias falsas, principalmente as que tratavam de questões migratórias e econômicas, foram disseminadas em todo território britânico. Algumas delas, por exemplo, destacavam uma leva de imigrantes não-brancos em direção ao Reino Unido, o que era falso.

Já na eleição presidencial do Brasil, em 2018, a produção de *notícias falsas* foi um dos fatores que impulsionou a campanha eleitoral do então candidato Jair Messias Bolsonaro (PL). Fotos, vídeos e textos que atribuíam ao candidato Fernando Haddad (PT) – principal adversário de Bolsonaro – a criação de kit gay para crianças, por exemplo, circularam nas redes sociais durante a campanha de 2018.

Um fato em comum nos três momentos citados é o protagonismo das redes sociais digitais na viralização da *desinformação*. Tais redes configuram-se como um “novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também de novo mercado de informação e de conhecimento” (LÉVY, 1999, p.32). Entretanto, essa quantidade expressiva de emissores nas redes levou a uma relativização da verdade na sociedade atual, ou seja, uma “crise da verdade”. Esse fenômeno do século XXI ficou conhecido como a “Era da Pós-Verdade”, “um período em que decisões tomadas por apelos emocionais parecem ter mais peso do que aquelas motivadas por fatos objetivos” (FALCÃO; SOUZA, 2021, p.57).

Desse modo, acredita-se que os indivíduos tendem a acreditar mais em informações que condizem com suas crenças e visões de mundo em detrimento dos fatos objetivos. É o que acontece, por exemplo, no atual contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, marcado pela produção e disseminação de notícias falsas e desinformação embasadas em negacionismo científico, crenças religiosas e emoções irracionais, como a divulgação de curas imediatas contra a doença e o uso de medicamentos ineficazes. O

maior propagador de notícias falsas e desinformativas em relação a pandemia no país foi (é), justamente pelo cargo que ocupa (o mais importante do país), o presidente da república, Jair Bolsonaro.

Pandemia da desinformação: o negacionismo do presidente brasileiro no contexto da Covid-19 no Brasil

Na mesma velocidade com que o vírus da Covid-19 se alastrou pelo mundo, também se espalharam as *notícias falsas* sobre a doença. Desde o início da pandemia global, diversos foram os rumores e especulações que surgiram acerca do novo coronavírus, tais como a sua origem, curas, tratamentos, dentre outros. O excesso de informação foi tão grande que levou a OMS a considerar o cenário como uma infodemia, ou seja, a propagação de informações em quantidades excessivas e que atrapalham o acesso a fontes confiáveis nesse cenário de hiperinformação sobre o tema, já que abre possibilidades para a disseminação de informações falsas (ZATTAR, 2020).

Nesse contexto marcado pela infodemia e pela desinformação, surge então o termo “desinfodemia”, cunhado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). De acordo com Falcão e Souza (2021, p.61), “a infodemia possibilita que as informações falsas (desinformação) também surjam em maior proporção, o que configura a desinfodemia”. Tais fatos fizeram com que a desinformação e as *notícias falsas* se tornassem sérias ameaças a saúde global, assim como o próprio vírus da Covid-19. Dentre as consequências, há relatos de que iranianos morreram ou adoeceram ao ingerirem metanol após terem acesso a informações falsas sobre a eficácia do composto químico na prevenção da doença, dentre outras situações.

Um levantamento feito por Teixeira (2018) mostrou que nos últimos anos as *notícias falsas* contribuíram para reduzir os índices de imunização da população, o que culminou em mortes e a volta de doenças que já haviam sido erradicadas. No contexto pandêmico da Covid-19 não tem sido diferente, já que a desinformação, aliada ao “movimento antivacina”⁶, tem levado muita gente a não se vacinar contra o vírus.

No Brasil, o presidente Bolsonaro (PL) foi o principal propagador de notícias falsas sobre a pandemia de Covid-19. Entretanto, ao contrário de outros líderes políticos que inicialmente haviam sido refratários as orientações médicas relacionadas ao

⁶ O movimento antivacina é um grupo, que pode ou não ser organizado, que reúne críticos das vacinas contra programas de vacinação pública. Disponível em: <https://www.politize.com.br/antivacina/>. Acesso em: 04/07/2022.

coronavírus (como o primeiro ministro da Inglaterra, Boris Johnson, e o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que eram contrários, por exemplo, as medidas de isolamento social porque tal ação iria “prejudicar a economia”), o mandatário brasileiro continuou sustentando informações falsas sobre o vírus e a doença durante praticamente todo o período de pandemia no Brasil. O jornal *The Washington Post*, por exemplo, publicou um editorial no dia 14 de Abril de 2020 classificando o presidente brasileiro como o pior líder mundial a comandar uma reação contra o novo coronavírus (AMARANTE, 2021).

Enquanto boa parte das lideranças mundiais optaram pelo caminho das orientações de base científica no combate e prevenção ao coronavírus, Bolsonaro negou por diversas vezes a gravidade da situação, minimizou a doença chamando-a de “gripezinha” ou “resfriado”. Além disso, o mandatário ignorou as medidas sanitárias de isolamento social – orientadas pela OMS e pelo próprio Ministério da Saúde –, fazendo inúmeras aparições em público sem máscara e incentivando aglomerações em todo o país.

Destacam-se ainda as informações falsas proferidas pelo presidente brasileiro sobre a utilização de medicamentos no tratamento contra a Covid-19. Dentre os fármacos propagandeados pelo mandatário, destacam-se a hidroxicloroquina (ou cloroquina), que mesmo depois de ter sido largamente comprovada como ineficaz contra a doença pela OMS e várias entidades e especialistas da área de saúde em todo mundo e no Brasil, continuou sendo defendida pelo presidente em entrevistas, *lives*, publicações em redes sociais, fotos, vídeos, etc. Outras formas de tratamento não comprovadas cientificamente, como a utilização do fármaco Anitta, aquisição de vitamina D e a ozonioterapia, foram “indicadas” por Bolsonaro. Nenhuma delas, até hoje, teve sua eficácia comprovada cientificamente.

A própria vacina, único meio de imunização comprovado cientificamente, foi alvo de declarações falsas do presidente, ele mesmo, até o presente momento [julho de 2022], diz não ter se vacinado, uma demonstração explícita de seu negacionismo científico para toda a população brasileira.

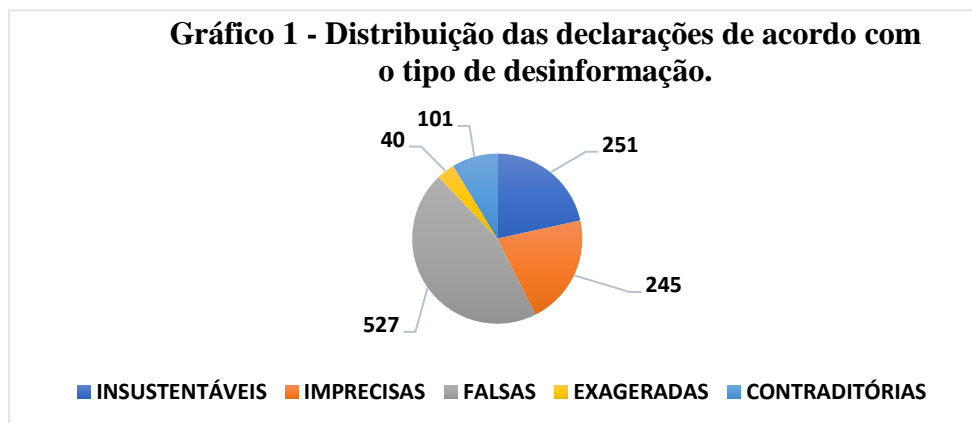
Arruda (2021) afirma que “o negacionismo bolsonarista (não somente de Bolsonaro, mas de grande parte de seus apoiadores) é um comportamento que vem sendo adotado desde a campanha política das eleições de 2018 [...]” (p.87). Na última eleição presidencial, diversas informações falsas foram disseminadas por apoiadores e pelo próprio Bolsonaro, então candidato à presidência. Ainda de acordo com Arruda (2018) o

negacionismo se reflete na tentativa de desinformar a população, contrariar a ciência e os órgãos de saúde e demonstrar desinteresse pela vacina.

A baixa adesão ao isolamento social, o alto número de infecções e mortes pela Covid-19 são algumas das consequências que podem ser atribuídas as declarações falsas e desinformativas do presidente brasileiro.

Uma breve radiografia das mentiras bolsonaristas sobre a Covid-19

Dividimos as declarações de Bolsonaro sobre a Covid-19 em categorias de notícias falsas. A primeira verifica quantitativamente as declarações falsas, insustentáveis, imprecisas, contraditórias e exageradas dadas pelo presidente, entre os dias 26 de fevereiro de 2020 a fevereiro de 2021. A divisão das declarações segue a classificação proposta pela agência de checagem *Aos Fatos*, responsável pela identificação de 1.164 declarações desinformativas do mandatário durante o período de coleta. No gráfico 1, apresenta-se a distribuição dessas declarações.



Conforme o gráfico 1, houve a predominância de declarações completamente falsas nas mensagens do presidente brasileiro, contabilizando 527. Ou seja, isso significa que Bolsonaro, em suas falas, disseminou em grande escala informações enganosas relacionadas à pandemia, sem o mínimo de verdade e/ou conhecimento da situação.

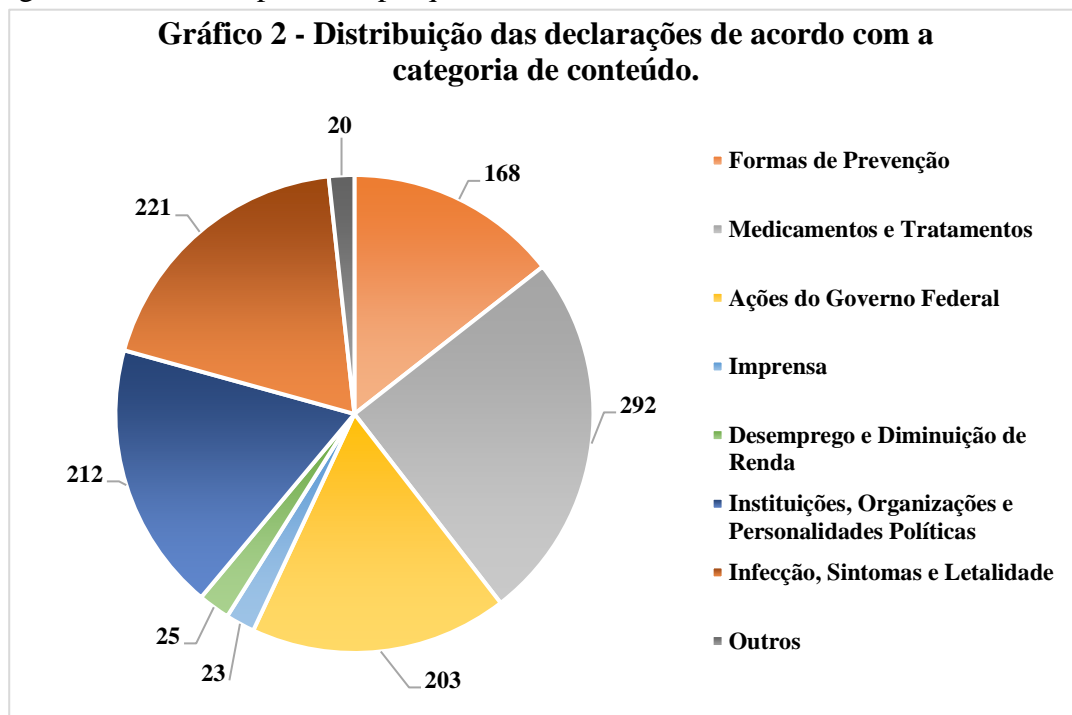
Em seguida, declarações insustentáveis estiveram presentes em 251 falas do presidente. Esse tipo de desinformação é caracterizado, sobretudo, por apresentar dados e informações que não se sustentam e não são passíveis de continuarem sendo defendidas e disseminadas.

Declarações imprecisas ocuparam a terceira posição nos tipos de desinformação. Essas declarações foram repetidas 245 vezes, apresentando meias verdades que necessitavam de um contexto mais amplo para serem consideradas verdadeiras.

A contradição aparece na quarta posição, presente em 101 declarações. Nesse tipo de desinformação, o mandatário brasileiro contrariava suas falas com atitudes, sobretudo aquelas voltadas a ignorância das medidas de prevenção e contenção do vírus.

Por último, informações exageradas estiveram presentes em 40 declarações de Bolsonaro. Boa parte delas tratava de forma exagerada os índices de contágios e mortes pela Covid-19.

A segunda parte desta pesquisa consiste em uma análise de conteúdo das 1.164 declarações coletadas durante o período proposto, a fim de identificar os conteúdos de teor desinformativo mais recorrentes nas falas de Bolsonaro e categorizá-los. O gráfico 2 demonstra de forma geral os conteúdos mais repetidos pelo presidente de acordo com as categorias formuladas para esta pesquisa.



De acordo com o gráfico 2, a desinformação mais recorrente nas declarações do mandatário brasileiro estava direcionada a promoção de medicamentos e formas de tratamento contra a Covid-19. Durante o período de coleta dos dados, Bolsonaro deu 292 declarações testando a eficácia de medicamentos no combate à doença, mesmo sem apresentar comprovação científica que reforçasse tais informações.

No dia 26/03/2020, Bolsonaro afirmou: “a pessoa medicada corretamente [com a hidroxicloroquina], não tem efeito colateral”. A declaração é falsa, já que a droga causa, sim, efeitos colaterais, tais como náuseas, dores de cabeça, diarreia, vômito, dentre outros. Já no dia 22/04/2020 ele afirma que “ela é recomendada por muitos médicos e muitas

peças tem testemunhado sua eficácia”. Ou seja, é possível perceber que o presidente, na tentativa de alavancar o uso de tais medicamentos, propagou uma falsa cura com o uso da hidroxicloroquina no tratamento da doença. Além disso, para dar legitimidade ao seu discurso, o mandatário diz receber informações de médicos sobre a eficácia dos fármacos.

Além do negacionismo científico e da obediência a crenças pessoais, é possível perceber nas declarações de Bolsonaro o desejo de encontrar uma solução rápida e fácil para o combate da Covid-19. Apesar dos estudos científicos indicarem a ineficácia de todos os medicamentos e formas de tratamento defendidos por Bolsonaro, a propagação deles gerou sérias consequências para a saúde da população e o combate da pandemia. Diversas pessoas foram iludidas com a falsa impressão de que os medicamentos eram capazes de prevenir o agravamento da Covid-19, o que os levou a se automedicarem com os fármacos divulgados pelo presidente, causando-lhes efeitos colaterais e até mesmo levando-os a óbito.

O segundo tipo de desinformação mais frequente nas falas de Bolsonaro referia-se à infecção, sintomas e letalidade do vírus. Nas 221 declarações sobre esse assunto, o presidente minimizava a gravidade do novo coronavírus. No dia 11/03/2020 o mandatário afirmou: “– [...] outras gripes mataram mais do que essa”. Já nos dias 20/03/2020 e 24/03/2020, Bolsonaro disse, respectivamente, que a doença não passava de uma “Gripezinha ou resfriadinho” e se “Caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria”. Ou seja, Bolsonaro contrariava resultados científicos que indicavam a gravidade dos sintomas do vírus, transparecendo uma clara tentativa de normalizar a doença, encorajando – ao mesmo tempo expondo – a população de continuar com suas vidas e rotinas normais, sem haver necessidade de isolamento social ou *lockdown*.

No dia 29/03/2020 o presidente alegou que “O país só fica isento dela [Covid-19], imune, depois de 60%, 70% for infectado”. Nesse caso, Bolsonaro insinuava que as pessoas infectadas se tornariam imunes ao vírus, o que é insustentável, tendo em vista a falta de evidências científicas que comprovem tal informação. O referido discurso tinha como principal objetivo normalizar a contaminação e demonstrar que a exposição ao vírus pode ser positiva, já que pode resultar na imunização da população contra o vírus, a chamada “imunização de rebanho”.

No que tange a letalidade do vírus, o mandatário brasileiro menosprezou as mortes decorrentes da Covid-19. No dia 25/03/2020, Bolsonaro disse que “Se essas pessoas tivessem pego H1N1, iam morrer também”. Em entrevista à Band no dia 27/03/2020, por

exemplo, o presidente disse que “alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. Essa é a vida”. Fica evidente, em tais declarações, a negação da gravidade do vírus e a falta de alternativas de combate por parte do governo federal.

Ocupando a terceira posição, Bolsonaro deu 212 declarações desinformativas dirigidas a instituições, organizações e personalidades políticas. Alvo recorrente nas falas do presidente, o Supremo Tribunal Federal (STF) foi uma das instituições que mais sofreu com tais inverdades. No dia 09/04/2020 o presidente brasileiro afirmou que “a decisão é do Supremo então quem decide são os governadores, são os prefeitos, e o presidente da República, chefe do Executivo Federal, não posso entrar nessa área aí”, atribuindo a responsabilidade pela tomada das medidas de prevenção e combate exclusivamente aos governadores e prefeitos. Tal informação é falsa, já que o STF não delegou a responsabilidade pelas medidas contra a Covid-19 apenas a estados e municípios, muito menos eximiu o presidente de atuar no combate da doença.

Entretanto, o que se vê no discurso de Bolsonaro é a tentativa de eximi-lo da responsabilidade de ações contra a disseminação do vírus, medidas restritivas de circulação. Posicionando-se, desde o início, contra o distanciamento social, *lockdown* e outras ações de combate, a fim de manter os ideais que grande parte de seus apoiadores defendiam, o presidente distorceu falas do STF com o intuito de colocar a população contra a corte. A partir disso, é possível identificar marcas do populismo presente em tais discursos, fenômeno caracterizado por motivar um descontentamento às instituições, caracterizando-as como inimigas das demandas sociais.

Principal entidade de enfrentamento a pandemia da Covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) também foi alvo de declarações falsas e desinformativas do presidente brasileiro. Para motivar a reavaliação das medidas de isolamento social tomadas pelo país, Bolsonaro distorceu, em diversas oportunidades, a fala do diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus. No dia 31/03/2020, o presidente afirmou que o diretor havia declarado que “Os informais, tem que trabalhar”. No entanto, a declaração é falsa. Em entrevista coletiva, Ghebreyesus disse que os governos devem considerar os impactos sociais e econômicos da quarentena sobre a população de baixa renda e alertou sobre a necessidade de medidas compensatórias para diminuir os efeitos econômicos da pandemia entre os mais pobres. Em nenhum momento, o diretor da OMS defendeu o fim das medidas de isolamento social, como afirma Bolsonaro.

Essas e outras declarações de Bolsonaro dirigidas a instituições, organizações e personalidades políticas apenas corroboram com o ideal do presidente em terceirizar a

culpa pela má condução da pandemia no país. Desse modo, o STF, a OMS, o Congresso Nacional, prefeitos e governadores acabaram sendo alvos constantes das inverdades do presidente, chegando – em certos momentos – a serem culpados, sobretudo por apoiadores bolsonaristas, pelo aumento de contaminações e mortes pelo vírus, além da desaceleração da economia e do emprego.

O quarto tipo de desinformação mais recorrente nas falas de Bolsonaro referia-se às ações do Governo Federal no combate e prevenção do vírus, bem como medidas de assistência social e econômica para a população brasileira. Durante os meses de análise, o presidente brasileiro deu 203 declarações desinformativas sobre o assunto. Ao se referir ao auxílio emergencial – programa do governo federal brasileiro de renda mínima aos mais vulneráveis durante a pandemia de Covid-19 – Bolsonaro afirmou, no dia 26/03/2020, que o governo passou “Para R\$ 600 essa ajuda emergencial para três meses para os informais”. Entretanto, a declaração é imprecisa, já que o auxílio mensal de R\$ 600 não surgiu de uma iniciativa do governo federal. O Ministério da Economia havia anunciado, no dia 18 de março, que a ajuda seria de apenas R\$ 200. O valor só aumentou depois de negociações com o relator do projeto de lei sobre o assunto, Marcelo Aro (PP-MG), e com o presidente da Câmara na época, Rodrigo Maia (sem partido), que defenderam publicamente o pagamento de R\$ 500 por mês. O texto foi aprovado pela Câmara no dia 26 de Março.

Além do auxílio emergencial, Bolsonaro também demonstrou preocupação com o gasto total do governo com medidas de combate à Covid-19. No dia 02/07/2020, Bolsonaro afirmou que “se gastou hoje em dia com tudo isso, somando tudo, quase R\$ 1 trilhão”. Entretanto, a estimativa é falsa. Até Julho de 2020, época em que a declaração foi dada, o valor gasto pelo Governo Federal em ações de combate à Covid-19 era de aproximadamente R\$ 200 bilhões, segundo o Tesouro Nacional. Ou seja, 20% menor do que a cifra mencionada por Bolsonaro.

De maneira geral, essas e outras declarações desinformativas do presidente brasileiro acerca das ações do governo federal continuam o interesse de Bolsonaro em promover-se politicamente, diminuir a imagem negativa do governo em relação ao tratamento da pandemia e demonstrar preocupação com a renda dos brasileiros mais vulneráveis. Por outro lado, ao citar números equivocados de gastos com a pandemia, Bolsonaro transpareceu em suas declarações o descontentamento com medidas de combate e prevenção ao vírus e com os programas de transferência de renda.

O quinto tipo de desinformação mais recorrente nas falas de Bolsonaro se referia às formas de prevenção ao vírus. Nas 168 declarações sobre este assunto, o presidente brasileiro criticou as medidas de prevenção e combate à doença, sobretudo o isolamento social, afirmando, no dia 29/04/2020, que “Os países que adotaram isolamento horizontal foram os que mais faleceram gente”. Todavia, é impreciso alegar que os países que adotaram o isolamento social tiveram mais óbitos, assim como é falso afirmar que tais políticas não deram certo. Bolsonaro enganou-se intencionalmente, tendo como intuito provar que a quarentena não ajudou a diminuir os números nos países que a adotaram. Todavia, diversos estudos indicam que o isolamento social tem um papel fundamental na redução da transmissão do vírus.

Outra forma de prevenção que se tornou vítima das inverdades proferidas pelo presidente foi a utilização de máscaras. No dia 19/08/2020, por exemplo, Bolsonaro afirmou que a “Eficácia dessa máscara é quase nenhuma”. Entretanto, tal declaração é falsa, já que estudos científicos mostram que o uso de máscaras é eficaz no combate à transmissão do novo coronavírus.

Considerado o método de prevenção mais eficaz contra à Covid-19, a vacina também foi alvo do desserviço informativo do presidente brasileiro. Assim que os primeiros insumos vacinais foram aprovados e começaram a ser aplicados na população, Bolsonaro afirmou, no dia 31/08/2020, que “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina”. Na declaração, Bolsonaro transparece sua ideologia antivacina, apoiado também por seguidores do movimento no país.

De modo geral, entende-se que ao proferir desinformação acerca das formas de prevenção contra a Covid-19, Bolsonaro carregava suas ideologias negacionistas e anticientificistas para continuar menosprezando a gravidade da pandemia e a não necessidade das medidas que estavam sendo impostas. Dessa maneira, o mandatário colocava a vida e a saúde da população em risco, gerando desconfiança quanto a eficácia do isolamento social, a utilização de máscaras e o processo de imunização contra o vírus.

O sexto tipo de desinformação mais disseminado pelo presidente brasileiro se referia ao desemprego e diminuição de renda dos brasileiros durante o contexto pandêmico. Dentre as 25 declarações desse cunho, Bolsonaro afirmou, no dia 07/05/2020, que a pandemia já havia resultado em “10 milhões de desempregados no Brasil” com carteira assinada. Todavia, tal argumento foi dado como falso, já que o número sempre foi muito inferior ao citado pelo mandatário e a redução não pode ser creditada apenas à quarentena.

No que tange ao trabalho informal, o presidente brasileiro declarou, no dia 07/05/2020, que “38 milhões de informais e autônomos ou perderam a renda ou tiveram a renda substancialmente reduzida”. Declarações desse cunho foram proferidas em mais de uma oportunidade. No entanto, elas são insustentáveis e falsas.

Nas declarações citadas anteriormente e nas demais proferidas sobre o assunto, é perceptível o interesse do presidente brasileiro de colocar a economia e o emprego acima da saúde e vida da população. Fica evidente que a partir da disseminação de desinformação acerca dos dados sobre desemprego e diminuição de renda durante a pandemia, sobretudo a superestimação dos números ou a omissão dos mesmos, Bolsonaro tenta impor a ideia de que as medidas de isolamento social, quarentena ou *lockdown*, servem para gerar desemprego, diminuição de renda, pobreza, dentre outros.

Ocupando a última posição dentre os conteúdos identificados, a imprensa foi alvo de desinformação em 20 declarações do presidente brasileiro. No dia 28/05/2020, Bolsonaro afirmou que “Globo, Folha, Estadão, Valor Econômico, reduziram em 25% o salário de seus profissionais”. Entretanto, na data desta declaração, os veículos de comunicação citados pelo presidente haviam de fato proposto reduções no salário dos funcionários, porém tais medidas ainda estavam em discussão e nem todas previam o corte geral de 25% da remuneração, tornando a declaração imprecisa.

Dentre as empresas de comunicação mais atacadas pelo presidente brasileiro, a Globo foi alvo recorrente de suas declarações desinformativas. Em uma fala proferida no dia 23/05/2020, Bolsonaro afirmou que “A Globo não bota os 50 milhões que receberam [o auxílio emergencial]”. Porém, a declaração é falsa, já que é possível encontrar diversas reportagens no site da emissora que abordam o volume de auxílios concebidos e não somente as pessoas que tiveram problemas ao solicitar o auxílio emergencial. Bolsonaro tentava mobilizar seus apoiadores e a população em geral a se voltarem contra a emissora, alegando que a mesma agia de forma parcial.

Considerações Finais

Na já considerada maior crise sanitária do século XXI, o mundo tem enfrentado dois tipos de vírus que se alastram velozmente: a Covid-19 e as notícias falsas. É evidente que a desinformação ganhou terreno fértil no contexto pandêmico que vivenciamos atualmente, haja vista o cenário de incertezas e pânico instaurado pelo novo coronavírus.

A quantidade de informações excessivas sobre o assunto, que vão desde a origem do vírus, sintomas, prevenção até a curas milagrosas, impediu que a população tivesse

acesso a informações de fontes confiáveis e verdadeiras, abrindo caminhos para a proliferação de mentiras e da desinformação, sérias ameaças para a saúde global e o combate da pandemia.

Todavia, a politização da pandemia da Covid-19 por parte de alguns líderes mundiais agravou ainda mais a crise sanitária. As condutas anticientíficas e negacionistas dos chefes de estado tiveram consequências graves quando adotadas. Entretanto, boa parte deles reconheceram seus erros e voltaram atrás de suas decisões, o que não aconteceu no Brasil.

Observou-se na coleta e análise das declarações do presidente brasileiro sobre a pandemia da Covid-19 uma quantidade expressiva de informações falsas, imprecisas, insustentáveis, contraditórias e exageradas. O líder executivo, desde o início, tornou-se uma fábrica de disseminação de notícias falsas e desinformação, transparecendo marcas de sua ideologia negacionista e anticientífica.

Bolsonaro, em diversos momentos, minimizou a gravidade da doença, menosprezou as mortes, propagandeou medicamentos e formas de tratamento sem eficácia científica comprovada, ignorou as medidas de proteção, atacou órgãos de saúde, instituições e personalidades políticas preocupadas com a questão sanitária, política e econômica do país. Em outras palavras, o presidente colocou a vida de milhões de brasileiros em risco, já que suas condutas permitiram o afrouxamento das medidas de contenção e prevenção do vírus, bem como o relaxamento da população em relação a gravidade da doença.

É visível que por trás de todas essas manifestações de atentados contra a vida e a saúde da população brasileira estavam as ideologias, crenças, interesses políticos e econômicos do mandatário brasileiro. Nesse caso, a desinformação e a produção de notícias falsas tornam-se estratégias argumentativas para que tais interesses pudessem ser correspondidos pela sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Erivelto. **A desinformação como estratégia política:** uma análise dos discursos presidenciais durante a pandemia da Covid-19. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.14, n.40, p. 48-67, fev.-maio 2021.

ARRUDA, Robson Lima de. **O negacionismo como artefato da pós-verdade:** Bolsonaro, a pandemia e a educação. Boletim de Conjuntura (BOCA), vol.5, n.15, Boa Vista, 2021.

- AOS FATOS (2021). **Todas as declarações de Bolsonaro**. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em: 26 de Abr. 2021.
- BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. **Desinformação e circulação de “fake news”**: Distinções, Diagnóstico e Reação. In: XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2018, Londrina.
- COLLINS DICTIONARY, 2022. Disponível em: [Fake news definition and meaning | Collins English Dictionary \(collinsdictionary.com\)](https://www.collinsdictionary.com). Acesso em: 18 de Abr. 2022.
- FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline Batista de. **Pandemia de desinformação**: as *fake news* no contexto da Covid-19 no Brasil. *Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 55-71, jan./mar. 2021.
- GALHARDI, C.P *et al.* **Fato ou Fake?** Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 2020.
- GUIMARÃES, A.S; CARVALHO, W.R.G. **Desinformação, negacionismo e automedicação**: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. *InterAm J Med Health* 2020;3:e202003053.
- LACLAU, E. *La Razón populista*. México: Fondo de Cultura Económica.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PIERRO, B. de. **Epidemia de fake news**. *Revista de Pesquisa Fapesp*, 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/epidemia-de-fake-news/>. Acesso em: 26 de Abr. 2021.
- RECUERO, R.; GRUZD, A. **Cascatas de fake news**: Um estudo de caso no Twitter. 2019. *Galáxia* (41), 31-47.
- SERRANO, P. **Desinformação**: como os meios de comunicação ocultam o mundo. Rio de Janeiro: Espalhafato, 2010.
- SILVA, Ivandilson Miranda. O governo Bolsonaro, a crise política e as narrativas sobre a pandemia. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 16, p. 1478-1488, Edição Especial, 2020
- TEIXEIRA, Adriana. **Fake news contra a vida**: desinformação ameaça vacinação de combate à febre amarela. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.
- ZATTAR, Mariana. **Competência em Informação e Desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, e5391, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5391>. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5391>. Acesso em: 20 dez. 2020.